

Folha de S. Paulo

4/6/1984

Bóias-frias rejeitam acordo em N. Horizonte

Anamarcia Vainsencher

Não chegavam a duas centenas os bóias-frias cortadores de cana que ontem em Novo Horizonte, sub-região de Catanduva, região de São José do Rio Preto, na localidade de Ponte do Pilão, sob o céu tórrido de quase meio dia, rejeitaram, calados, a contraproposta patronal feita no sábado por todos (doze) fornecedores de cana do município. Os patrões de Novo Horizonte, depois de dois dias exaustivos de negociações em Catanduva, ao fim dos quais a proposta patronal era superior à de Guariba (Cr\$ 2,25 mil contra Cr\$ 2,1 mil), voltaram atrás. Simplesmente no sábado convidaram o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Horizonte e lhe entregaram ofício no qual firmavam disposição de acatar o acordo de Guariba, pagando 25% a mais para a cana "bis" (de dois anos, velha, que não rende quase nada e está sendo cortada no município). Os fornecedores alegam, no ofício, que os trabalhadores de Novo Horizonte "são tão brasileiros" quanto os de Guariba e, além do mais, têm alternativas de trabalho em outras culturas como laranja, tomate, café, feijão, amendoim, arroz, batata, etc.

Em Urupês a assembléia tinha ainda menos gente. E acabou acatando a proposta de Catanduva.

Embora Fioravanti Mazzo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Horizonte, tenha classificado a nova posição patronal de "uma decepção", fez tudo para aprová-la na insatisfeita assembléia de domingo, à qual compareceram, todo o contingente policial da cidade (cerca de 15 PMs), o vice-prefeito Dionísio de Almeida, cinco investigadores de polícia, dois escrivães da polícia e o delegado Nildomar Maturano. Este último, aliás, chamado de "nosso mediador" por Mazzo porque tanto ontem como na quinta-feira passada foi o encarregado de trazer aos trabalhadores o acordo verbal entre as partes para a remuneração do corte da cana até a assinatura de um acordo final entre empregados e empregadores para conter a greve). E ontem, diante de informações de trabalhadores segundo as quais o "acordo de cavalheiros não estava sendo cumprido", foi ele novamente ao representante do Sindicato Rural (patronal) trazer no papel a garantia de remuneração provisória até o acordo definitivo.

Fioravanti Mazzo não conseguiu fazer aprovar pela assembléia a extensão do acordo de Guariba para Novo Horizonte. Não houve qualquer outra proposta. Então o presidente do Sindicato dos Trabalhadores passou seu recado: "vou continuar na luta, mas legalmente. Se houve movimento, não quero que o sindicato seja incriminado".

Pedir esmola

Sebastião, 52anos, a vida inteira cortando cana, quatro filhos também no canavial, irrequieto, pele crestada pelo sol forte da região, descalço, cabelos esbranquiçados, não se conforma: "ganhar Cr\$ 1,5 mil pela tonelada, é melhor pedir esmola, um pedaço de pão duro, sair catando lixo com os filhos". Outros, conversando em rodas depois da assembléia, também não se conformavam. A comissão de sete cortadores eleita pelos trabalhadores para acompanhar as negociações ("são os melhores cortadores, não os piores", diz um dos membros da comissão) não quer mais saber de negociação, ressentida da falta de apoio dos que a elegeram. Na semana passada, perderam dois dias de trabalho para ir a Catanduva negociar e não aconteceu nada.

Numa outra roda, o "dr. delegado" discute com um dos membros da comissão. E aproveita para conclamar pela volta ao trabalho. Só hoje de madrugada, nos "pontos" (locais onde os caminhões apanham os cortadores para levá-los ao canavial), é que se vai saber o que, na prática, os bóias-frias da cana vão fazer em Novo Horizonte.

(1º Caderno — Página 12)